

Taubaté, 1906

Rangel:

Que te direi do teu *Diario* que já não tenha dito? Devorei-o, coisa de começar e não largar, e a impressão foi a dum filme que alternasse fotografias de ideias com fotomontagens de cenas. Diz você na carta que o mandou como reflexo do teu Eu atual, e vejo que muito já se distanciou daquele Rangel amoroso e em excesso descritivo dos anteriores volumes. Agora sim, está como compreendo um Diario: repositório de sensações de primeira mão, dos tais pensamentinhos que nos passam pela cabeça como relâmpagos, de ideias nascidas como em geração espontânea, insubsistentes, de vida curta como a dos fogos fatuos; poeira luminosa, pó de diamante da inconsciente e ininterrupta lapidação da nossa inteligência. Mil coisinhas enfim que se perderiam se não fosse a pátena dum diario a recolhe-las. Perguntas em francês o por que da coisa e afirmas que Robinson não cuidaria disso. *Chi lo sa?* O maior prazer do nosso egoísmo é *gostar a sensação da nossa personalidade* pelos ouvidos, ouvindo-nos\_ pelos olhos, vendo-nos\_ pela inteligência, introspeccionando-nos. O resto do mundo só nos importa pelos acréscimos, ou o “emprosperamento” que traz para o nosso Eu. Porque, afinal de contas, somos cada um o centro do Universo. Ora, um Diario conserva a imagem do nosso Eu no passado, fomenta-nos portanto os instintos do egoísmo, desse modo *redobrando a sensação dos eus passados*, isto é, das nossas fases evolutivas. Se um espelho comum já nos dá prazer, que valor não é um espelho retrospectivo que nos dê a cara dia a dia, pelo espaço de anos! O Diario é esse retrospecto da nossa inteligência. Por isso creio que, sendo como somos, ainda que fossemos Robinsons escreveríamos Diarios.

Escreve-me, com 600 milhões de Barbaras! Já me debes quatro respostas.

LOBATO